

# Comunicações do **ISER**

Ano 3 – Nº 10 – Outubro de 1984 – Circulação restrita \*

## SUMÁRIO

### ● APRESENTAÇÃO

Patrícia Monte-Mór

### ● LEVANTAMENTO DE FILMES

Patrícia Monte-Mór

### ● ENTREVISTA

Entrevistado: Geraldo Sarno

Waldo César e Patrícia Monte-Mór

### ● ARTIGOS

Yvonne Maggie

Etnografia, observação participante e documentário de cinema

Sérgio Santeiro

A voz do dono. Conceito de dramaturgia natural

José Inácio Parente

A Festa do Divino ou a divina festa do povo

Regina Abreu

Daime Santa Maria: Uma antropologia de audios e imagens

Waldo César

Buñuel, um herege crente

### ● NOTÍCIAS

**10**

## Comunicações do ISER

**Comissão Editorial:** Rubem César Fernandes  
Pedro A. Ribeiro de Oliveira  
Waldo César

### Coordenação deste número

Patrícia Monte-Mór

**Secretário de Redação:** Flávio Lenz

**Programação Visual:** Cecília Leal de Oliveira

## SUMÁRIO

### • APRESENTAÇÃO

Patrícia Monte-Mór

### • LEVANTAMENTO DE FILMES

Patrícia Monte-Mór

### • ENTREVISTA

Entrevistado: Gerardo Sampaio  
Entrevistador: Rubem César e Patrícia Monte-Mór

### • ARTIGOS

Yvonne Hingray

Etnografia, observação participante e documentário de cinema

Sergio Ramirez

A voz do dono. Condição de dramaturgia natural

Felipe Azeiteiro

Dezesseis São Paulo: Uma antropologia de estudos e imagens

João Inácio Pereira

A Festa do Divino ou a divina festa do povo

**ISER**

**Instituto de Estudos da Religião**

Rua Ipiranga, 107 – Laranjeiras – Rio de Janeiro – RJ

Fone: 265-5747 – CEP 22231





# antropologia de áudios e imagens

REGINA ABREU

**"Imagem minha, — murmurou aflita, — onde está você? E se tivesse ficado esquecida no lago, onde ainda no dia anterior estivera se olhando?"<sup>1</sup>**

E lá se foi a moça correndo à procura de seu reflexo. E na vida, como nos contos de fada, muitos saem em busca de imagens, e reflexos. Para que? Para onde? Com que sentido?

Em 1769 (79 anos antes da "invenção" da fotografia), Tiphaignie de la Roche, um escritor francês de ficção científica, "descobria" a fotografia em seu livro *Babylone*. Tiphaignie conta a história de um viajante que num dado momento se vê transportado a um lugar fantástico onde "uma sombra muito distinta" lhe faz uma revelação importantíssima: a descoberta de uma maneira de reter as imagens. Neste tempo, as imagens eram reproduzidas através da pintura. E a única maneira de "reter as imagens" talvez fosse através do próprio olho — a retina humana que, em frações de segundo armazena a imagem do que o olho acabou de enxergar. Compondo com várias imagens arquivadas na memória, o pintor criava sua obra: o quadro. Também não existia um processo para retenção do som. E os escritores com penas, tintas e papéis iam documentando e re-criando o mundo que (ou)viam.

Louis Jacques Mandé Daguerre (1787 -

1851), um pintor francês, surpreende a todos quando em 1839, lança sua descoberta: um processo fotográfico denominado daguerreotipia. Da fotografia para o cinema foram muitos anos de pesquisas e estudos anônimos. E no final do séc. XIX, os irmãos Lumière lançaram o cinematógrafo: uma máquina de filmar que substituiu o processo de várias máquinas fotográficas para registrar o movimento. Obtendo sobre um filme 24 imagens fixas por segundo, o cinematógrafo criava grande ilusão de que é feito o cinema: a impressão do movimento.

Durante o início do século XX, europeus e americanos deliciaram-se com as máquinas e maravilhosas possibilidades do cinema. Veio o rádio, veio a televisão. E o mundo ou pelo menos parte dele foi ficando repleto de instrumentos que ampliavam a visão e a audição dos homens.

Em 1956, surgiram na América do Norte os primeiros video-cassetes. Empregando registro eletromagnético, os videos conseguem reter imagens e sons em fitas magnéticas. A grande novidade é que essas fitas podem ser imediatamente vistas. Para pessoas acostumadas com o tempo da espera da revelação do filme, esta re-visão imediata do mundo e de si mesmas tem sido de grande impacto.

Espelhos, lagos, telas, pincéis, tintas, papéis, câmeras, luzes, filmes, fotos, vídeos, instrumentos que representam para quem os utiliza algumas das ampliações possíveis de si mesmo ou de partes de seu corpo. Reproduzindo os olhos e ouvidos humanos, toda a parafernália de objetos tecnológicos permite que alguns homens vejam e ouçam a si mesmos e aos outros com maior alcance e nitidez.

Mas sons e imagens não falam por si mesmos. Não é a técnica que os faz falar, mas sim nós — homens de carne e osso — que por detrás das câmeras dirigimos por onde queremos que as lentes olhem e os gravadores escutem. E que por detrás das navioas e mesas de edição criamos aquilo que o pintor fazia (ou faz) utilizando-se apenas de sua memória: um quadro, um filme, um vídeo, uma obra de arte. E, particularmente, com o cinema e com o vídeo, alguns vivem a ilusão de poder duplicar o mundo. Ilusão pois que atrás de cada câmera como atrás dos nossos próprios olhos somos nós que estamos a olhar. Cada um com o seu ponto de vista, percebendo a realidade sob um determinado ângulo. Não é o mundo que se duplica, senão nós que o recriamos. O que vemos nas telas já não é o mundo senão uma das possíveis imagens do mundo.

Na construção de uma imagem, tudo interfere — o tempo, o vento, o reflexo dos raios solares, a acústica, o humor, a relação de quem olha e de que é olhado. E quando ela vem, fica pronta, o belo sorriso do velho sábio se transforma num registro de impulsos eletrônicos numa fita magnética. Nesse momento o belo sorriso se desfaz e o velho sábio continua em seu caminho. A imagem está ali com sua vida

própria, dona de si mesma, numa fita de polyester pronta para seguir o seu curso. Aguardando ansiosa que a façam falar.

E, nos estúdios e laboratórios, a ação de cores e efeitos incide sobre as fitas de polyester. As imagens transformam-se, colorem-se em novos tons. Pintores modernos tecem intrincadas teias conjugando o velho sorriso da bela imagem com ruídos de gaivotas ao cair da tarde num mar distante. Das imagens e sons conjugados nasce um novo (que de novo pode um dia se transformar num outro novo).

Desse modo, os autores falam através de seus filmes, livros, quadros, novelas. Sabendo que cada obra é o resultado final do esforço de muita gente. E que foram precisos muitos Tiphaignies, Daguerres, Lumières para que elas se viabilizassem. No caso as produções audio(e)visuais, autores são aqueles que escrevem com um alfabeto de sons e imagens. Pré (ou não) existentes. E que se responsabilizam pelo que teceram. Ou, em última análise, pelo que dizem com aquilo que teceram.



O vídeo *Daime Santa Maria* que figura este ano na Mostra de Filmes sobre Religiões Populares promovida pelo ISER com apoio da RAPTIM — agência de viagens —, conjuga muitas imagens e audios. Mas é também o resultado da relação entre pessoas que, por detrás das câmeras e mesas de edição, experimentaram (com todos os conflitos a que tinham direito) suas diferentes maneiras de vi(ve)r e ouvir uma pequena comunidade nos confins-seringais acre-amazônicos.



Tudo começou, em 1982, quando o Ministério da Justiça e o Exército brasileiro resolveram investigar a "Comunidade do Santo Daime". Liderada por um mestre espiritual, o Padrinho Sebastião, esta comunidade conjuga em torno de crenças religiosas comuns, um universo de pessoas cujas origens são bastante diversificadas. Inicialmente, seus membros eram antigos seringueiros que, com a desativação dos seringais (crise da borracha) foram concentrando-se na periferia das cidades. A reunião religiosa em torno da Doutrina do Santo Daime veio junto com a criação de uma base econômica comum para a subsistência do grupo. Durante as décadas de 60 e 70, muitas pessoas afluíram à comunidade: viajantes que por ali passavam, *hippies*, profissionais liberais, nordestinos "expulsos" pelas secas, gente do Sul e estrangeiros de procedência latino-americana. A sede era a Colônia 5.000, próxima a Rio Branco, no Acre.

Segundo o Padrinho e seus seguidores, a proximidade com a área urbana dificultava a solidificação dos laços comunitários. À isso somava-se o desgaste das terras e o crescimento da comunidade. A sobrevivência da comunidade dependia portanto, da ocupação de novas terras e o Padrinho e seu povo foram viver num seringal desativado no Estado do Amazonas, o Seringal Rio do Ouro.

Na Colônia 5.000 permaneceram algumas famílias, vivendo sob a administração de um representante nomeado pelo próprio Padrinho. Pela proximidade com Rio Branco, a Colônia 5.000 continuou recebendo visitantes, que vinham em busca de ensinamentos espirituais, curas e, sobretudo, atraídos pelo "Santo Daime" — mais conhecida por *ahuasca*,

bebida consagrada na Doutrina, resultado de um processo de fervura e infusão de plantas da região: o cipó *jagube* e a folha *chacrona*.

No final da década de 70 e início de 80, nova leva de visitantes chegou até à Colônia, motivados pelos mais diversos interesses: estudantes e pessoas residentes em Rio Branco; psicólogos e médicos de grandes centros urbanos atraídos pelo valor terapêutico e medicinal do Daime; jornalistas em busca de reportagens vibrantes; historiadores, sociólogos e antropólogos que pareciam encontrar um tesouro para suas teses; fotógrafos e cinegrafistas à procura de imagens raras e belas; desassistidos pelos inampes e funerais deste Brasil, almejando a cura para seus nervos, raivas, depressões, dores de cabeça, males do organismo e da alma . . .

Em meio a este autêntico "cafundó", os Ministérios da Justiça e do Exército resolveram investigar a comunidade, a doutrina e, principalmente, as ervas utilizadas na região (incluindo, é claro, o Santo Daime). Em nota de 17 de agosto de 1982, o Ministério da Justiça anuncia que vai investigar no interior do Acre "uma seita que cultua a maconha e outro alucinógeno extraído de um vegetal não identificado". Nomeia para esta tarefa "uma comissão formada por um representante do Ministério do Exército, um da Promotoria Pública e um delegado da Polícia Federal". E justifica sua ida dizendo "temer que o fanatismo religioso acabe levando (os quase 500 adeptos da seita) à prática de atos suicidas".

A notícia da ida dos representantes da Justiça e do Exército ao Seringal

mobilizou todos os que de uma forma ou de outra encontravam-se envolvidos com a religião. Psicólogos, historiadores, antropólogos e representantes de outros ramos da ciência apressaram-se em apresentar ao Ministério da Justiça a proposta de uma Comissão Científica que, ao lado dos representantes da Justiça e do Exército estudaria a Comunidade, apresentando pareceres de várias áreas do saber. A proposta foi aceita.

O cineasta Noilton Nunes, que já havia estado na Colônia 5.000 em dezembro de 1980, ao ler a nota publicada em *O Globo* planeja documentar em video-cassete o trabalho da Comissão. Dirige-se ao presidente da Associação Brasileira de Documentaristas (na época, o cineasta Sérgio Santeiro) que, imediatamente o credencia para efetuar as gravações, enviando telegrama ao Ministro da Justiça. A Embrafilme patrocina sua ida fornecendo-lhe uma passagem de avião até o Acre. Todo o material para as gravações, incluindo o aluguel de equipamentos é adquirido com produção própria de Noilton e de sua firma, a 5ª Tempo Produções Artísticas e Culturais Ltda. Mais tarde, já no Acre, consegue alguns patrocínios como o do Banco do Acre, e da Universidade Federal do Acre e o apoio da Comissão e do próprio Exército, que auxilia no transporte do equipamento.

O trabalho de investigação teve início em novembro de 82 terminando em janeiro de 83. O coordenador dos trabalhos foi o Coronel Guarino Monteiro do 4º Batalhão de Fronteiras do Exército. Para as gravações em video-cassete, Noilton contou com o auxílio de alguns

membros da parte científica da Comissão. Na área da produção, destacaram-se o fotógrafo Saulo Petean e a historiadora Vera Fróes, ambos residentes em Rio Branco e freqüentadores da Colônia 5.000. Saulo dedicou-se também ao trabalho de assistência de fotografia. Vera e o antropólogo Fernando La Roque contribuíram com muitos trabalhos, idéias e sugestões.

As gravações com o VT não seguiram nenhum roteiro pré-fixado. Apenas o trabalho da comissão serviu, por assim dizer, de guia. No mais, valeu a sensibilidade de Noilton valorizando cenas que se desenrolavam longe do espaço de discussão central criado pela investigação. Com um estilo que lhe é próprio, Noilton entrou com a câmera nas casas, nos roçados, nos rituais, e registrou as mulheres preparando comidas, as crianças brincando de roda e todos trabalhando duro para sobreviverem num paraíso-inferno tropical amazônico.

Em meados de 83, Noilton convidou-me para redigir um projeto para edição do material gravado. Em novembro, tal projeto foi em parte aprovado pela FUNARTE. Em dezembro, nos dirigimos até à Colônia 5.000 e fizemos novas gravações. Era a época do "Feitio", quando homens e mulheres se dedicam a preparar o Santo Daime, que deverá ser armazenado e utilizado nos rituais (e também fora deles) durante um certo período de tempo.

Ao reunir o material para a edição, tínhamos perto de 10 horas gravadas em video com mais ou menos 30 horas de gravações em audio. Tudo isso podia ser conectado de muitas maneiras. Era necessário organizar as idéias e conceber



um sentido para a criação.

A presença da Comissão no Seringal Rio do Ouro criou uma situação especial na vida da Comunidade. Inquerida, questionada, ela foi obrigada a formular uma visão articulada sobre si mesma. O reverso desta medalha eram as cenas, a bem dizer etnográficas, do cotidiano de vida, trabalho e cultos religiosos.

Respondendo às perguntas da Comissão, falando pela e sobre a Comunidade, destacavam-se alguns homens: o Padrinho, seu filho mais velho, e mais três outros membros, um senhor que mora em Rio Branco e é uma espécie de Ministro das Relações Exteriores da Comunidade, além de ser o presidente do CEFLURIS (Centro Eclético de Fluente Luz Universal — entidade jurídica que responde pela comunidade); um rapaz em torno dos 35, 40 anos, residente na comunidade há bastante tempo e responsável por todos os assuntos de gerência econômico-financeira (contas em bancos, aquisição de materiais e equipamentos de uso interno); um outro rapaz com a mesma idade, sociólogo vindo de Minas Gerais, considerado membro da comunidade também já há algum tempo. Tudo indicava que estes e mais alguns outros que talvez no momento não estivessem presentes, fossem os representantes políticos do grupo. No vídeo, eles aparecem respondendo publicamente a questões concernentes tanto à Comunidade quanto à Doutrina. Quando estive na Colônia 5.000 observei serem também eles que decidem sobre assuntos internos e de relações exteriores (realizando contatos com o Incra sobre as terras; resolvendo problemas com a Justiça e com o Exército em relação a conflitos com outros grupos etc.).

Nas cenas gravadas em vídeo, quase não apareceram entrevistas com mulheres, apenas uma, quando o médico entrevista a parteira mais antiga sobre o uso do Santo Daime durante os partos. As mulheres aparecem realizando atividades na esfera do privado; lavando as roupas na beira dos rios, limpando a casa, preparando o alimento, cuidando dos filhos.

As crianças circulam livremente por todos os espaços. Realizam tarefas de produção para o grupo como um todo e para suas famílias. Mas, principalmente brincam muito, de roda, de bola de gude, de nadar e de mergulhar nos rios.

O trabalho no roçado parece ser uma tarefa que compete a todos. Mas na produção, há tarefas específicas dependendo do sexo. O trabalho com a borracha, por exemplo, é efetuado por homens. Também a caça é uma atividade predominantemente masculina. Além dos trabalhos no cuidado com suas próprias famílias, as mulheres realizam em conjunto tarefas para prover o grupo: preparação da mandioca e do milho para fazer farinha, entre outras.

No trabalho de preparação do Santo Daime é onde mais se explicita a divisão entre os sexos. Os homens cuidam em pensar o cipó *jagube* — cortá-lo na mata, limpá-lo, amassá-lo com uma série de batidas fortes —, enquanto que as mulheres se ocupam em colher as folhas *chacronas* ou *rainhas*, limpá-las, ensacá-las. O processo final compete aos homens — lavagem, fervura, infusão e engarrafamento. Isto é feito numa casa santa, sem a participação das mulheres.



A música liga e reúne a comunidade em todos os momentos de sua vida diária. Tocando seus instrumentos (principalmente o violão e o acordeão) e cantando os hinos sagrados, eles trabalham, comem, rezam, brincam.

O Padrinho aparece sempre acompanhado por um grande séquito. A seu lado está sua esposa, a Madrinha, oferecendo-lhe água, abanando-o, cuidando de seus ferimentos. Destaca-se seu filho mais velho, designado por ele para ser o futuro Padrinho e que já assume funções na administração da comunidade. As outras pessoas são membros de sua família, suas muitas filhas, noras, genros, netos e alguns membros da comunidade que aderem às saídas do Padrinho, e da Madrinha.

Nas ocasiões em que foram gravadas estas cenas, apenas o Padrinho e seu filho mais velho falavam em público, principalmente quando se tratava de responder sobre a Comunidade e a Doutrina. A Madrinha apenas observava, não parecendo estar interessada em assuntos de política. As mulheres do grupo riam muito o tempo todo, menos nos momentos em que o Padrinho e seu filho falavam, quando ficavam sérias mas não atentas.

O Padrinho e a Madrinha são respeitados por todos e reconhecidos como o Pai e a Mãe da comunidade, representando na terra o Pai e a Mãe espirituais. A Comunidade vive como uma grande irmandade, em alguns aspectos como uma "instituição total". Seus membros ao entrarem para lá passam por um processo de conversão à Doutrina, rompendo com sua vida até então. Muitos venderam bens e fizeram doações ao grupo. As terras e bens são

de propriedade do CEFLURIS — entidade jurídica que representa a comunidade.

Não há uma regra geral para a divisão dos moradores nas casas. Geralmente cada família (de sangue) tem a sua casa. Na casa do Padrinho e da Madrinha, no Seringal Rio do Ouro, moravam vários filhos, noras, genros e netos. As pessoas sem parentes próximos — aqueles que deixaram suas famílias para viver no Seringal, solteiros, mulheres sozinhas com filhos —, arranjam-se da forma que melhor lhes convém.

Em termos gerais, o que parece importar é o grupo, o todo, a comunidade, mais do que os indivíduos ou os núcleos familiares isolados. Neste sentido, a Comunidade do Santo Daime tal como foi possível perceber e partir das imagens e audios gravados por Noilton e Saulo, em finais de 82 e início de 83, sob as circunstâncias especiais de inquéritos e investigações, aproxima-se do modelo de sociedade descrita pelo antropólogo francês Louis Dumont como *holista*. "Nas sociedades tradicionais (holistas), diz Dumont, a ênfase é colocada sobre a sociedade em seu conjunto, como Homem coletivo; o ideal se define pela organização da sociedade tendo em vista seus fins (e não, os ganhos pessoais); trata-se antes de tudo de ordem, de hierarquia; cada homem particular deve, pelo seu lado, contribuir para a ordem global, e a justiça consiste em proporcionar as funções sociais com relação ao conjunto."<sup>2</sup>

No plano do astral, do espiritual, "a base principal é o Daime — diz o filho mais velho do Padrinho —, porque o Daime é o mestre. (Nos trabalhos de cura) é só o doente chegar e falar com o chefe, já o mestre está sabendo o que vai acontecer".

O Mestre é Juramidam, comandante de todo o movimento do universo, também identificado com Jesus Cristo e o Pai Eterno (o Deus Pai dos cristãos). "Na espiritualidade, o Daime toma o nome de Juramidam — continua ele —. O Daime é a bebida, mas na bebida tem o ser divino que vem da floresta. (. . .) A presença do Daime é a presença do Cristo."

Durante muitas noites (de 6 da tarde às 6 da manhã), a comunidade toma o Daime, entoando hinos e dançando valsas, marchas e mazurcas. A maior parte desses rituais consiste em festas, onde todos, usando uma farda azul, cantam e dançam, celebrando e entrando em contato com as divindades. Em ocasiões especiais, comemoram-se os principais santos do universo do Santo Daime. As datas acompanham o calendário católico, destacando-se Reis Magos, São Sebastião, Páscoa, São João, Finados, Nossa Senhora da Conceição, nascimento do Mestre Irineu (o fundador da doutrina), na noite de 14 para 15 de dezembro, nascimento de Jesus. Todos vestem o uniforme de gala, a farda branca.

Além do Daime, uma outra erva é consagrada — a erva Santa Maria —. Mesma erva conhecida por nós como *cannabis* ou *maconha* e que no Maranhão chamam por *diamba*.

A Doutrina nasceu com o Santo Daime, introduzida pelo Mestre Irineu. Posteriormente, Padrinho Sebastião conheceu e consagrou a erva Santa Maria passando a utilizá-la nos trabalhos. Isto foi em meados dos anos 70. Padrinho Sebastião teve um sonho onde estava caminhando numa estrada quando um homem montado num cavalo lhe disse:

"Você vai entrar em outra linha, e terá que aprender às suas custas". Nesse momento, Padrinho se viu num jardim formado por pequenos arbustos de uma planta que não conhecia, quando apareceu uma mulher muito bonita e vestida de branco, que caminhou em sua direção com os galhos da planta, dizendo que eram plantas para cura. Algum tempo depois, Padrinho encontrou-se com um viajante que lhe ofereceu algumas sementes. Plantou-as e passou a usar a planta em trabalhos de cura. Num desses trabalhos, nos contou ele, curou sua filha que sofria de asma.

Aparições de uma "mulher muito bonita e vestida de branco" são recorrentes nos depoimentos sobre a história da Doutrina e nos hinários. Essa mulher é a Rainha da Floresta ou Virgem da Conceição, a Mãe Espiritual que vive ao lado do Mestre Juramidam. Ao Mestre e à Rainha cabe governar todos os seres do astral. "O Mestre e a Rainha/Eles tem um grande amor/Eles estão fazendo paz/Como Cristo Redentor" (hino nº 6 do Padrinho Sebastião).

O Daime e a Santa Maria aparecem em trabalhos de cura. No vídeo foi gravado um ritual de cura com a erva Santa Maria, onde se buscava a cura para o pé do Padrinho com sérios ferimentos provocados pelo rabo de uma arraia. Neste ritual como em todos os rituais com o Daime, os homens são vistos de um lado da sala e as mulheres de outro.

Daime e Santa Maria são veículos que elevam os homens e mulheres da terra ao mundo espiritual, o Império do Mestre Juramidam e da Rainha da Floresta. A organização do astral é similar à da terra, com uma hierarquia entre os seres e



entidades, cada qual ocupando o seu lugar, desempenhando sua função para manutenção do todo. O Pai e a Mãe, espirituais são os senhores supremos deste universo, enquanto que o Padrinho e a Madrinha representam na terra este poder. Um dos pilares principais da Doutrina, seguido na vida diária da Comunidade, consiste na idéia de que o todo existe pela relação que as partes mantêm entre si. "Se não existisse o sol,/ o que era da terra/o Sol é quem me dá Luz/e ilumina toda a Terra" — diz o verso no hino nº 150 do Padrinho Sebastião.

E porque a Santa Maria junto do Daime? Quem responde é o Padrinho Sebastião: "Mas quando a gente tem o pai, tem a mãe. Se o pai não cuida do filho, a mãe tá cuidando, sempre tem o maior cuidado no seu próprio filho. Quando o pai morre, a mãe tem dificuldade em se ver só. Assim nós temos o sol e temos a lua".

Sob um ponto de vista da Antropologia, analisamos as imagens, os audios e as visitas à Colônia 5.000, organizando o material para a edição do vídeo *Daime Santa Maria*.

Sabemos — Noilton e eu — da importância do debate em torno das ervas utilizadas pela Comunidade. Sabemos também que os critérios culturais etnocêntricos dos grupos que dominam em nossa sociedade, tentam a todo o momento classificá-los como "alucinógenos", questionando seu uso. E que, despojando o Daime e a Santa Maria de valores culturais que lhes são próprios, muitos têm tratado a

Comunidade religiosa dirigida pelo Padrinho Sebastião no rol dos "casos de desvio" ou, quando muito, na área reservada aos "objetos exóticos". Quanto a esta última maneira, faço menção especial à Imprensa que tem se referido às ervas como "alucinógenos": (*JB* — 6/11/83; *Veja* — 9/11/83); "santo barato" (*Ele e Ela* — jan/84; *Folha de SP* — 24/8/84) e outros termos com conotações semelhantes. Assim procedendo, deixam de ver a singularidade desta comunidade religiosa que, num contínuo processo criativo, conjuga espiritismo, valsas, marchas, cristanismos, ritos de origens indígenas, mazurcas, ervas, brancos, pretos, caboclos e gentes vindas de vários pontos e culturas deste país.

Neste contexto, nossa decisão tem sido a de tornar público tudo que sabemos e ou(vimos). Afinal, não é essa a função do artista e do cientista, ampliando para um número sempre crescente de pessoas o conhecimento do seu próprio planeta? Abrindo as portas de imagens, fatos, vozes, brasis longínquos, para que todos aqueles que nesta terra vivem possam opinar, debater, refletir? Contribuindo para que assuntos que pelo menos aqui, neste pedaço do continente, sempre foram resolvidos a portas fechadas, possam ser analisados pela sociedade como um todo?

Desta forma, nos colocamos ao lado da Comunidade do Santo Daime, respeitando seus valores, crenças, maneiras de agir e, junto com ela, aprendendo cada vez mais sobre a relatividade dos seres do Universo e de nossas próprias vidas.

E, se hoje nós temos mais instrumentos, continuamos a ocupar a mesma posição

dos pintores e escritores de séculos atrás. Por detrás de lentes, câmeras e mesas de edição, o lugar do artista e do cientista continua preservado, seu ângulo de visão crítico, suas observações apuradas que deixam entrever detalhes mais íntimos da vida de outros povos, o "zoom interior" que ele traz nos sentidos e que lhe permite um jogo intercalado de distanciamentos e aproximações com relação a quem escuta e vê. Tudo isso, graças a Deus, permanece. Seja no pintor do século XVIII que da memória retira elementos para seu quadro, seja em nós, — criando a partir de imagens e audios gravados em fitas de polyester, o quadro DAIME SANTA MARIA.

Só assim, a lua gira em torno da terra que gira em torno do sol. E a crítica faz-se possível, movimentando o mundo na direção mais ampla de liberdade.

JOSÉ INACIO PARENTE

Resumo da obra de Daimé Santa Maria

<sup>1</sup> Colassanti, Marina. "À procura de um reflexo", em: *Doje Reis e a moça no labirinto do vento*. RJ, Nórdica, 1982.

<sup>2</sup> Dumont, Luis. *Homo Hierarchicus. Le système des castes et ses implications*. Paris, Tel Gallimard, 1966, p. 23.